

## **As tábuas da sexuação, os gêneros e o contemporâneo**

*Vinicius Moreira Lima*

As tábuas da sexuação, mais além de gerarem mal-entendido, servem também para pensarmos naquilo que da política está implicada no gozo. Apostamos numa leitura das fórmulas quânticas que nos permita dissecar as economias de gozo contemporâneas, na esteira de profundas mutações históricas, com consequências nos processos de subjetivação. Para isso, partiremos da hipótese de que os arranjos de gênero tradicionais, no que eles fazem semblante de relação sexual, realizam uma tentativa de esgotar o gozo e os regimes de socialização dentro da lógica da sexuação masculina.

Os gêneros tradicionais – isto é, as montagens performativas que produzem retroativamente uma aparência de substância, de complementaridade natural entre os binários macho-fêmea, homem-mulher, masculino-feminino, com uma ilusão de bom encontro possível, adequado, garantido, engendrado numa matriz heterossexual<sup>1</sup> – tencionam submeter os processos de subjetivação ao todo fálico, tornar o gozo todo referido ao falo, o que implica um gozo dizível, finito, a partir dos semblantes dos gêneros que tentam dar sentido ao furo do real.

Esses semblantes tradicionalmente performatizados pelos sujeitos ajudam a sustentar uma ilusão de relação sexual que, para Lacan<sup>2</sup>, não existe. Isso quer dizer que não há qualquer razão, proporção ou complementaridade possível entre os sexos, ou que, no limite, todo objeto sexual se configura como inadequado para alcançar um estado de completude de gozo. Ainda assim, os arranjos tradicionais de gênero nos parecem responder por essa impossibilidade da relação sexual, ao se proporem a

produzir uma aparência de contorno a essa impossibilidade pela via de um encontro – privilegiadamente, o heterossexual – que seria pretensamente natural, bem-sucedido, garantido pelo Outro.

A nosso ver, essas montagens estavam predominantemente articuladas à lógica da sexuação masculina, e as mutações sociais que vêm ocorrendo há dois séculos têm feito deslocar o regime hegemônico de socialização progressivamente para o lado feminino da sexuação, o que levou Miller<sup>3</sup> a dizer sobre uma “feminização do mundo”. De maneira que a economia de gozo dominante no contemporâneo se torna atrelada aos processos históricos de subversão dos arranjos de gênero tradicionais. É isso que tentaremos compreender a partir da lógica dos quantificadores que Lacan nos fornece. Começaremos, portanto, discutindo o lado masculino.

### Os quantificadores masculinos

$$\begin{array}{l} \exists x \quad \overline{\Phi x} \\ \forall x \quad \Phi x \end{array}$$

A notação superior nos sugere que existe ao menos um em quem a função fálica não incide. O que quer dizer que deve existir alguém numa posição de exceção para fundar um conjunto universal, em referência ao pai freudiano da horda primitiva, o pai não castrado que gozaria de todas as mulheres. Por existir essa exceção, é possível fundar a regra, presentificada na notação inferior, que diz que para todos aqueles submetidos à lógica masculina, incide a função fálica, ou seja, a castração, que faz com que, idealmente, os sujeitos sejam *todo* referidos ao falo. Essa lógica formaliza, portanto, a conjunção dos dois mitos criados por Freud, o do complexo de Édipo e o de *Totem e tabu*, contemplando, a nosso ver, o desenlace da metáfora paterna, tal como discutida por Lacan<sup>4</sup> no *Seminário 5*.

Acreditamos que essa lógica traduz um regime de socialização tradicional que começa a dar mostras de seu esgotamento. Seguindo Safatle<sup>5</sup>, percebemos uma mutação das sociedades de produção – em que se gozava da renúncia ao gozo pela ética do trabalho, a qual vinculava as identidades a uma fixidez derivada de uma vocação profissional – para as sociedades de consumo nas quais uma fluidez identitária é decorrente do gozo tornado um dever, adequando-se à forma plástica da mercadoria. De um ponto de vista psicanalítico, esse processo histórico acarreta uma crise de legitimidade do lugar mesmo de exceção, de onde se poderia enunciar a Lei e fundar um conjunto universal a partir da interdição do gozo<sup>6</sup>. De modo geral, ninguém mais consegue se alçar ao lugar dessa exceção que funda a regra, de maneira que presenciamos a falência desse lugar do interditor do gozo, lugar da autoridade, da Lei.

Assim, se o lugar de exceção, fundante para a lógica da sexuação masculina, está comprometido no contemporâneo, a economia psíquica dominante em nosso tempo também sofre mutações, as quais têm redirecionado os modos de gozo no contemporâneo para o lado feminino da tábua. Portanto, no intuito de compreender esse movimento em articulação com as encrências de gênero<sup>7</sup>, temos também que pensar sobre as mudanças nos desenlaces hegemônicos da metáfora paterna na contemporaneidade.

Na operação de constituição subjetiva, quando Lacan construía o *Seminário 5*, estava em jogo a incidência do Nome-do-Pai, significante da Lei, como produtor de uma significação fálica para o sujeito. A partir dessa incidência, que pressupunha um lugar de exceção para interditar o gozo, seria possível que o sujeito se identificasse com o “tipo ideal de seu sexo”<sup>8</sup>, de modo a projetar “as manifestações ideais ou típicas do comportamento de cada um dos sexos”<sup>9</sup>. Uma vez que a metáfora paterna contém também o desenlace do mito

edipiano, ela faz parte da "função normativa"<sup>10</sup> do complexo de Édipo quanto à "assunção do sexo" pelo sujeito, via internalização de um Ideal do eu que lhe dita um lugar como corpo sexuado no registro simbólico.

Essa função de "normalização"<sup>11</sup> no Édipo é justamente "aquilo que faz com que o homem assuma o tipo viril" e "a mulher assuma um certo tipo feminino, se reconheça como mulher, identifique-se com suas funções de mulher"<sup>12</sup>. Por causa disso, a verdade do complexo de Édipo seria o processo de normalização de sujeitos de uma maneira que cita e reitera o regime de heterossexualidade compulsória descrito por Butler<sup>13</sup>, na medida em que o desenlace edipiano no campo das identificações tentaria fixar os sujeitos às identidades generificadas que lhe seriam determinadas a partir da incidência do falo como produtor da significação numa matriz binária dos sexos.

Nesse sentido, presenciamos, hoje, o esgotamento do relato edipiano dito normal como narrativa de subjetivação universal, mesmo dentro do Ocidente. Cada vez menos, as identificações-saldo do complexo de Édipo se dão seguindo o roteiro clássico em que o menino se transforma em homem, e a menina, em mulher<sup>14</sup>. Então, partindo da hipótese de que as identificações simbólicas com as figuras parentais vêm sendo progressivamente postas em xeque, segue daí um declínio do falo como significante privilegiado para o processo de socialização, no que ele pode ser o sustentáculo de um regime de significação específico – o da heterossexualidade compulsória.

Desse modo, se o lugar de exceção, que permite a instauração do falo como significante privilegiado, está comprometido, então é a própria socialização com base na lógica masculina que também vacila, dando mais espaço a uma outra lógica de gozo. Essa outra lógica não se baseia na produção binária de gêneros com excesso de determinações ou

predicados identitários. Pelo contrário, tal lógica, a do feminino, é pautada pela indeterminação.

### Os quantificadores femininos

$$\begin{array}{cc} \overline{\exists x} & \overline{\Phi x} \\ \overline{\forall x} & \Phi x \end{array}$$

Se a lógica masculina tenciona esgotar o gozo dentro de um regime identitário, atribuindo uma série de predicados aos sujeitos que deveriam ser correspondentes ao gênero que lhes fosse determinado, a lógica da sexuação feminina, por outro lado, permite uma forma plástica de indeterminação produtiva que não se deixa restringir às determinidades predicativas de um princípio de identidade de gênero.

Assim, na mesma medida em que presenciamos os primórdios da falência da lógica masculina de gozo como regime hegemônico de socialização, vivemos também a ascensão de um processo de "feminização do mundo": se o falo é o que garante o regime de determinações a partir das identificações ao tipo ideal de cada sexo, e se a incidência do falo depende do lugar de exceção, então tendemos a um modo de socialização que não passa tanto pelas determinações fálicas.

Esse modo de socialização tem afinidade com a lógica feminina da sexuação, na medida em que é não-todo referido ao falo, permitindo um regime plástico de indeterminação profundamente articulado ao declínio da lógica fálica. As identidades de gênero, no que elas faziam semblante de fixidez e de relação sexual, eram sustentadas por esse regime do falo. O fato de os gêneros estarem, hoje, em chamas, é resultado do declínio da norma fálica, pautada nas determinações e nas identificações aos tipos ideais do sexo.

Ao contrário do lado masculino, na fórmula superior da sexuação feminina não existe ao menos um para quem a

castração, a função fálica, não incida. O que sugere que não há a exceção para fundar a regra, não há o elemento exterior para a fundação violenta do universal. Isso significa que esse conjunto é *não-todo*, ele não forma uma unidade fechada, articulando-se à noção de singularidade, que se confronta com a pretensa universalidade fálica.

De modo que, para *não-todo* x, a função fálica incide. Isto é, na contagem de seres falantes que se distribuem do lado feminino, contagem que deve ser feita uma a uma, temos uma lógica de gozo que, em certa medida, escapa ao regime de determinidades fálicas. Na sexuação feminina, há algo do indizível de um gozo *a mais*, um gozo que é *suplementar*, e não complementar, em relação ao falo, ao gozo fálico. Esse gozo suplementar não passa pelos lugares simbólicos, pelos binários, pelas ficções generificadas que são transmitidas pelo Outro, localizando-se, portanto, mais além do falo<sup>15</sup>.

Importante frisar a distinção entre suplementar e complementar, visto que, se o gozo do lado feminino fosse *complementar* ao gozo fálico, estaríamos ainda tentando escrever a relação sexual. E é justamente na contramão dessa tendência que nos encaminhamos. Pois os questionamentos aos excessos de determinação tradicionalmente atrelados aos gêneros mostram a verdade da pulsão. Esses questionamentos são pulsionais: eles indicam que há algo que resiste à norma fálica, ao regime das determinidades, dos conteúdos, dos binários, dos predicados identitários, e que aponta para uma lógica produtiva de indeterminação. Por causa disso, podemos dizer que, se para Freud a libido seria viril, masculina, em Lacan, por sua vez, a pulsão será feminina.

### **A pulsão é feminina**

Nos "Três ensaios", Freud afirma que a libido é, "regular e normativamente, de natureza masculina, quer ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto, seja

este homem ou mulher”<sup>16</sup>, na medida em que a pulsão é sempre ativa, mesmo para atingir fins passivos. Mas os enunciados sobre atividade e passividade, para Lacan, “só se baseiam numa fantasia com a qual eles tentaram suprir o que de certa maneira não se pode dizer, isto é, a relação sexual”<sup>17</sup>. De modo que não nos contentaremos com a afirmação freudiana da virilidade masculina da libido.

Isso porque, para Lacan, “toda pulsão é virtualmente pulsão de morte”<sup>18</sup>. O que sugere uma vontade “de destruição. Vontade de recomeçar com novos custos. Vontade de Outra-coisa, na medida em que tudo pode ser posto em causa a partir da função do significante”<sup>19</sup>. A pulsão de morte “põe em causa tudo o que existe. Mas ela é igualmente vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar”<sup>20</sup>. O que a configura como um

[...] elemento estrutural que faz com que, desde que lidamos com o que quer que seja no mundo que se apresenta sob a forma da cadeia significante, haja a uma certa altura, mas certamente fora do mundo da natureza, o para além dessa cadeia, o *ex nihilo* sobre o qual ela se funda e se articula como tal<sup>21</sup>.

Assim, a pulsão de morte se apresenta como uma negação daquilo que já está constituído, uma vontade de Outra-coisa que ultrapassa o simbólico, apontando para além da cadeia significante em direção a um ponto de negatividade que lhe é fundante. Na leitura de Safatle, isso aponta para uma “potência de des-individualização da pulsão de morte”<sup>22</sup>, cujo poder disruptivo pode aparecer como tendência à agressão e à destruição do outro, mas também como “sexualidade polimórfica e perversa, assim como pode, ainda, aparecer com a dimensão de indeterminação e impessoalidade que todo sujeito porta em si mesmo”<sup>23</sup>.

Tal concepção está atrelada à releitura que Safatle faz de Hegel, ao lançar mão do conceito hegeliano de “infinitude”, para dar significado justamente essa

“potência de indeterminação e de despersonalização que habita todo sujeito”<sup>24</sup>. Desse modo, o infinito é aquilo que demonstra “a instabilidade e a inadequação de toda determinação finita”<sup>25</sup>, em vistas de uma “potência interna da indiferença que corrói toda determinação”<sup>26</sup>. Pondo a dialogar Hegel com Lacan, Safatle<sup>27</sup> sustenta então que a pulsão, enquanto virtualmente pulsão de morte, carrega as marcas da infinitude, no que ela indica, como vontade de Outra-coisa, a insuficiência e a inadequação das determinidades finitas, fálicas, binárias, predicativas, identitárias.

Trata-se, portanto, da “assunção de um risco vinculado à confrontação com aquilo que se coloca como puramente indeterminado”<sup>28</sup>. E, por isso, tendemos, aqui, a aproximar essa faceta da pulsão de morte com a lógica da sexuação feminina, que diz de um gozo plástico, ilimitado, infinito, indizível, que não passa pela cadeia significante, sugerindo precisamente a afinidade entre a pulsão de morte e o gozo feminino como não identitário, não predicativo, mais além do simbólico, mais além do falo. Em nossa leitura, o conceito de infinitude faz mediação, portanto, entre a pulsão de morte e o gozo feminino.

Seguindo nessa esteira, tendo em mente a associação que fizemos entre a “feminização do mundo” e o processo histórico da “desconstrução dos gêneros”, estamos diante da possibilidade de “aparição de objetos que colocam em questão princípios gerais do entendimento, tais como os princípios de identidade e de diferenciação”<sup>29</sup>, levando os sujeitos a uma “fragilização das imagens ordenadas do mundo e de si mesmo”<sup>30</sup>, com objetos que “trazem em si mesmos a negação de sua submissão à identidade”<sup>31</sup>. Nesse sentido, “a negatividade da pulsão de morte pode se satisfazer com o gozo de um objeto que traz em si mesmo sua própria negação”<sup>32</sup>, que é a torção de seus protocolos de identidade, da ordem do imaginário.

É nisso que a “feminização do mundo” é algo que corre paralelamente às “desconstruções de gênero”, as quais questionam os horizontes de reconhecimento tradicionais dados pelo Outro para as montagens e os roteiros generificados. Isso porque, no contemporâneo, está escancarado o caráter barrado desse Outro, a falta de garantia da Lei e do desejo, seu aspecto histórico e contingencial, algo que Lacan traduziu dizendo que “não existe Outro do Outro, não existe verdade sobre a verdade”<sup>33</sup>, pela notação do  $S(\bar{A})$ .

### **Amarrações contemporâneas**

Sabemos, hoje, que as identificações simbólicas edipianas são apenas um arranjo entre outros, igualmente contingentes, e, com isso, visto não ser necessário que nos atenhamos a elas, questionamos as identidades de gênero tradicionais no que elas têm de pretensão a esgotar o gozo dentro de um registro fálico, binário, identitário. Pois, no contemporâneo, em grande medida, está à mostra o fato de que o Nome-do-Pai não passa de um semblante. Que é organizador decerto, mas, quando articulado ao patriarcado, era também fundador de um regime binário de identidades heterossexuais compulsórias que gerava – e ainda gera – uma série de sofrimentos psíquicos pelo excesso de determinações que lhe são decorrentes.

Em outro tempo, numa visão geral, talvez durante as sociedades modernas de produção, acreditávamos na substancialidade do Nome-do-Pai, significante de uma Lei que indicaria a existência do Outro do Outro. Hoje, isso não é mais assim com as sociedades de consumo nas quais está em maior evidência o significante do Outro barrado,  $S(\bar{A})$ . O avanço na teoria lacaniana também foi capaz de percebê-lo. Por isso a “pluralização dos nomes do pai” efetuada por Lacan a partir da década de 60, com a multiplicidade de amarrações possíveis que isso acarreta

para um sujeito pela via das nomeações. Dessa maneira, o Nome-do-Pai não é mais tomado como um significante, e sim como uma função de amarração.

Se as identificações simbólicas tradicionais estão em xeque – identificações essas que eram centrais na reprodução de matrizes identitárias binárias, generificadas –, a pluralização dos nomes do pai sinaliza que as nomeações não são só simbólicas, exercidas em relação ao Nome-do-Pai centralizador e substancial. As amarrações podem se dar de outros modos, a partir de nomeações simbólicas, reais ou imaginárias, o que irá passar pela via do singular, naquilo que um sujeito será convocado a produzir de invenção e suplência para o furo do Real.

Isso implica um deslocamento das saídas contemporâneas hegemônicas para o lado feminino da sexuação como princípio plástico de indeterminação, potência produtiva que se configura mais além de um regime de determinidades fálicas e predicativas, que partia do universal masculino. Em consonância com esse movimento, sustentamos que a desconstrução dos gêneros está afinada com a “feminização do mundo”. Isso na medida em que ambas sinalizam para a subversão dos semblantes de relação sexual que tentavam esgotar o gozo no registro fálico, criando uma aparência de sentido e de complementaridade entre os sexos, o que era propriamente o arranjo tradicional dos gêneros, distribuídos na matriz heterossexual binária macho-fêmea, homem-mulher, masculino-feminino.

Tal estratégia escamoteia o que há de mais pulsional na pulsão, isto é, seu caráter virtual de pulsão de morte, vontade de Outra-coisa que não se esgota em objetos regulados pelo imaginário a partir de lugares simbólicos determinados. E é em direção a esse regime da infinitude que parecemos caminhar, no que a sexuação feminina pode dar lugar a novos modos de gozo que não se restrinjam às

experiências improdutivas de determinação implicadas no registro do falo.

- 
- <sup>1</sup> BUTLER, J. (2015[1990]). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- <sup>2</sup> LACAN, J. (2008[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- <sup>3</sup> MILLER, J.-A. (2005). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós.
- <sup>4</sup> LACAN, J. (1999[1957-1958]). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- <sup>5</sup> SAFATLE, V. (2008). *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo.
- <sup>6</sup> LEBRUN, J.-P. (2008). *A perversão comum: viver juntos sem outro*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico.
- <sup>7</sup> BUTLER, J. (2015[1990]). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Op. cit.
- <sup>8</sup> LACAN, J. (1998[1958]). "A significação do falo". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 692.
- <sup>9</sup> IDEM. Ibid., p. 701.
- <sup>10</sup> IDEM. (1999[1957-1958]). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Op. cit., p. 170.
- <sup>11</sup> IDEM. Ibid., p. 167.
- <sup>12</sup> IDEM. Ibid., p. 171.
- <sup>13</sup> BUTLER, J. (2015[1990]). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Op. cit.
- <sup>14</sup> LACAN, J. (1999[1957-1958]). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Op. cit., p. 192.
- <sup>15</sup> IDEM. (2008[1972-1973]). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p. 80.
- <sup>16</sup> FREUD, S. (1996[1905]). "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 207.
- <sup>17</sup> LACAN, J. (2008[1972-73]). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p. 88.
- <sup>18</sup> IDEM. (1998[1960]). "Posição do inconsciente". In: *Escritos*. Op. cit., p. 863.
- <sup>19</sup> IDEM. (2008[1959-1960]). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 254.
- <sup>20</sup> IDEM. Ibid., p. 255.
- <sup>21</sup> IDEM. Ibidem.
- <sup>22</sup> SAFATLE, V. (2012). *Grande Hotel Abismo: por uma reconstrução da teoria do reconhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, p. 141.
- <sup>23</sup> IDEM. Ibid., p. 139.
- <sup>24</sup> IDEM. Ibid., p. 44.
- <sup>25</sup> IDEM. Ibid., p. 45.
- <sup>26</sup> IDEM. Ibid., p. 51.
- <sup>27</sup> IDEM. Ibidem.
- <sup>28</sup> IDEM. Ibidem.
- <sup>29</sup> IDEM. Ibid., p. 152.
- <sup>30</sup> IDEM. Ibidem.
- <sup>31</sup> IDEM. Ibidem.
- <sup>32</sup> IDEM. Ibidem.

---

<sup>33</sup> LACAN, J. (2009[1971]). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 14.